

Candidatos brigam por espaços

Quem tem pretensão de ocupar uma cadeira no Congresso Nacional, como representante dos moradores de Brasília, já está em plena campanha. A mais de dois meses das convenções que vão definir legalmente os candidatos de cada partido, a iniciativa parece precipitada para alguns, mas pode ser, na realidade, um teste de fôlego.

«Os que não tiverem densidade política não resistirão até maio», profetiza o advogado e ex-deputado pelo Piauí, Francisco Ferreira de Castro, ele próprio um candidato pelo PTB/DF. Crítico dos responsáveis pelas pichações que invadiram os muros e tapumes da cidade, o que considera um «avanço do sinal», Ferreira de Castro não tem nada a opor a uma campanha discreta, que seja feita apenas para «a conscientização do eleitorado».

Nesta caça aos votos, o candidato a candidato usa o modesto recurso de distribuir um curriculum ao qual acrescenta sua plataforma para a «futura campanha ao Senado Federal»: os habituais pontos ligados à área social e o propósito, que pode se tornar extemporâneo, de lutar pela aprovação da emenda Alcides Saldanha, através da qual o DF ampliaria seus níveis de representação política.

No mesmo PTB/DF, uma dúzia de outros candidatos a candidatos disputam um lugar ao sol, que certamente não chegará para todos, mas já produziu um belo efeito dourado em um velho conhecido da cidade: o empresário Antônio Venâncio da Silva, que pela mesma sigla quer concorrer ao Senado. Diferentemente de seu colega de partido, Venâncio da Silva partiu para uma campanha mais ao estilo petebista e, desde o ano passado, «trabalha» a comunidade de Ceilândia, oferecendo churrascos e promovendo shows.

Pelo número potencial de eleitores de baixa renda que tem, a Ceilândia é como uma «galinha dos ovos de ouro» para muitos que sonham ser candidatos. Uma das candidatas do PFL/DF, a ex-administradora regional da cidade, Maria de Lourdes Abadia, garante que «Ceilândia é meu reduto eleitoral». Ainda sem ter dado início

à publicidade de seu nome, enquanto candidata, ela já esboça um slogan («Eu seria, se eleita, a voz do social em Brasília») e uma plataforma: Saúde, educação, emprego, habitação, atenção ao migrante e ao menor.

Outros pelefistas, talvez sem a mesma diferença a favor de Maria de Lourdes Abadia, não pouparam recursos nos cartazes, cartões, filipetas, vantarolas: é o caso, entre outros, do secretário-geral do partido, Heitor Reis, do ex-administrador regional do Gama e Taguatinga, Walmir Campello Bezerra e da ex-secretária de Educação e Cultura, Eurides Brito da Silva. Walmir diz que vai se preocupar, «principalmente, com a autonomia para as cidades-satélites e uma maior liberdade para o seu crescimento e expansão industrial», enquanto Heitor justifica o que outros consideram açodamento, como «necessidade de quem postula uma candidatura em cidade onde nunca houve eleições».

Candidato cobiçado por vários partidos, Oscar Niemeyer será a grande estrela do PCB/DF — que realiza pré-convenções neste domingo — mas tem seu nome, inexplicavelmente, enfeitiando a relação dos postulantes a uma vaga ao Senado pelo PSB/DF, no jornal em que o jornalista Luiz Manzolillo, presidente do partido, se lança candidato a deputado. «Os mais pobres fazem isso primeiro porque não têm recursos para uma campanha cara e precisam partir para o corpo-a-corpo na conquista de eleitores», justifica, afirmando que o jornalzinho de campanha que mandou fazer ficou dez vezes mais barato que um cartaz.

Para os comunistas, que terão agora a oportunidade de falarem, eles próprios, sobre suas idéias, uma vez que estão na legalidade, a expectativa é de que o prestígio de Niemeyer se reflita no desempenho eleitoral do partido. O professor universitário Carlos Alberto Lima Torres, presidente do PCB/DF e um dos nomes cotados para disputar uma vaga na Câmara Federal pelo partido, adianta que a realização da pré-convenção dará aos comunistas «a liberdade de formar seus comitês,

e gastar dinheiro com publicidade eleitoral».

O Partido Social Cristão (PSC/DF), segundo seu presidente, o advogado Francisco Gomes Macedo, considera não só precipitado, mas desrespeitoso com os futuros convencionais, nomear agora um possível candidato» posição compartilhada pelos dirigentes do PT/DF, que só querem falar em candidatura depois de 18 de maio. Um dos nomes mais fortes entre os petistas, no entanto, o sindicalista Francisco Domingos (Chico Vigilante), admite que «se for eleito, vou colocar a imunidade parlamentar a serviço do povo», arremetendo não só contra os «gabinetes refrigerados», como contra as pichações, que «não organizam ninguém».

No PMDB/DF, o partido que tem candidato a candidato saindo pelo ladrão, a diversidade ideológica contribui para o aspecto de mercado persa das campanhas eleitorais, nas quais se distribui desde «santinhos» a leite e chapéu para os pobres. A «mais natural candidatura», segundo voz corrente no partido, é a do ex-secretário Pompeu de Sousa, que foi buscar na Revolução Francesa o tom eleitoral: «Liberdade, Igualdade, Fraternidade».

Entre as dúzias de outros candidatos a candidatos que disputam espaço nos muros, a candidatura do jornalista Fernando Tolentino, do Bloco Popular, «é a única que foi realmente lançada», segundo afirma o próprio, lembrando que não pregou um cartaz com seu nome, mas assumiu-se candidato em praça pública, na Ceilândia. «Como não tenho cinco bilhões para fazer uma campanha, continuarei trabalhando, me reunindo com as pessoas e debatendo questões afetadas à Constituinte. O nosso nome vai ser assimilado pela permanência nessa luta, iniciada há longos anos».

Há anos trabalhando em Brasília, o advogado e presidente da OAB/DF, Mauricio Corrêa, espera capitanejar esta popularidade para obter uma vaga no Senado, onde pretende defender, se eleito, «a eliminação das desigualdades sociais e problemas relacionados ao poder judiciário».